

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**

**SAMIRA BEDRAN DE GOUVEIA**

**SUJEITOS METACOGNITIVOS E OS ASPECTOS DA  
PSICOPEDAGOGIA, NUMA VISÃO CONSTRUTIVISTA**

**São Paulo  
2009**

**SAMIRA BEDRAN DE GOUVEIA**

**SUJEITOS METACOGNITIVOS E OS ASPECTOS DA  
PSICOPEDAGOGIA, NUMA VISÃO CONSTRUTIVISTA**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista Lato Sensu em Psicopedagogia, da Universidade de Santo Amaro, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Janice Carneiro de Pontes.

**São Paulo  
2009**

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus filhos, Lucas e Maíra, que fazem de mim um sujeito, eternamente,  
aprendente e ensinante.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a atenção e incentivo da minha orientadora Ms. Janice Carneiro de Pontes.

## RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade refletir como a metacognição favorece a autoria de aprendizagem, numa visão construtivista de ensino aprendizagem.

O objeto de estudo da psicopedagogia, de acordo com Fernández (1991), é o ato de aprender. Assim, é necessário que o sujeito tenha consciência dos seus próprios processos mentais e do seu próprio grau de compreensão, podendo monitorar a sua própria capacidade de compreender.

A partir da minha experiência como professora em sala de aula, refleti sobre a importância da metacognição, e encontrei na Psicopedagogia um caminho para estudar a importância do sujeito pensar sobre o seu próprio processo de aprender, numa visão construtivista de ensino aprendizagem.

Palavras chave: metacognição, aprendizagem, Psicopedagogia.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
CAPÍTULO I - O ENSINAR E O APRENDER .....	08
CAPÍTULO II - A METACOGNIÇÃO E A APRENDIZAGEM .....	14
CAPÍTULO III - METACOGNIÇÃO: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.....	17
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	31

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do controle metacognitivo é adquirido por meio de uma aprendizagem mediada. Dessa forma, o sujeito passa de um estado de menor conhecimento a um estado de maior conhecimento, numa visão epistemológica.

“Fazer-se um ser aprendente é unir a cigarra e a formiga dentro do homem, cantar enquanto se constrói a casa do conhecimento, cimentar-se a realidade com a argila do sonho”, como cita Alicia Fernandez, é um trabalho de metacognição, pois enquanto se aprende é necessário convocar outros conhecimentos, estabelecer relações, envolver-se em seu próprio pensar.

Aprender supõe curiosidade e para que se construa essa aprendizagem é necessária uma relação entre o conhecimento e o saber pessoal, onde essa aprendizagem seja construída, transformada, apropriada e assim, haja o posicionamento ensinante aprendente, necessário entre o conhecer e o saber.

O presente trabalho é dividido em três capítulos, conclusão e referências bibliográficas.

No capítulo I, reflito sobre o que é aprender, o que é ensinar, numa concepção construtivista, de acordo com os teóricos Vygotsky e Piaget.

No capítulo II, reflito sobre o que é a metacognição e seu importante papel na aprendizagem.

No capítulo III relaciono a metacognição com a aprendizagem, numa perspectiva psicopedagógica, tendo como referência Alicia Fernandez.

Na conclusão, destaco a importância da metacognição para o aprender e o papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem do sujeito aprendente e ensinante.

## CAPÍTULO I – O ENSINAR E O APRENDER

- O que é aprender?  
 - Aprender é ... como quando papai me ensinou a andar de bicicleta. Eu queria muito andar de bicicleta. Então ... papai me deu uma bici ... menor do que a dele. Me ajudou a subir. A bici sozinha cai, tem que segurar andando...  
 - Dá um pouco de medo, mas papai segura a bici. Ele não subiu na sua bicicleta grande e disse " assim se anda de bici" ... não, ele ficou correndo ao meu lado sempre segurando a bici ... muitos dias e, de repente, sem que eu me desse conta disso, soltou a bici e seguiu correndo ao meu lado. Então eu disse: Ah! Aprendi!  
 ... – Ah! Aprender é quase tão lindo quanto brincar!  
 (FERNÁNDEZ, 2001, p.28).

Refletindo sobre o aprender e o ensinar há teorias que fornecem instrumentos de análise e reflexão sobre como se ensina e como se aprende. Assim, de acordo com Coll (1999), todo ensino e aprendizagem não pode ignorar a função social. Portanto, há uma leitura social de fenômenos que, como a aprendizagem, têm sido frequentemente analisados a partir de uma dimensão pessoal e individual. E por isso, a consideração dos conteúdos de aprendizagem do professor, como mediador entre indivíduo e sociedade, e do aluno, como aprendiz social, precisa ser levada em consideração.

Para Coll (1999), o desenvolvimento humano é um desenvolvimento cultural contextualizado. Assim, a complexidade da tarefa do professor não se reduz àquilo que envolve sua função formadora em relação aos alunos sob sua responsabilidade, na medida em que é um elemento de uma organização, tem responsabilidades e tarefas relacionadas à gestão, que requerem habilidades específicas. Essas funções criam contextos humanos específicos de que devemos manejar, de forma construtivista.

Assim, considerando o caráter socializador do ensino e sua função no desenvolvimento individual para caracterizar o ensino, devemos considerar o professor como membro de uma instituição, participante e responsável por seus objetivos, pelos processos que desenvolve e pelos resultados, cujo objetivo é oferecer uma educação de qualidade.

Sendo assim, Coll (1999) destaca que a escola necessita ter uma atmosfera favorável à aprendizagem, em que haja um compromisso do professor com normas

e finalidades claras compartilhadas, trabalho em equipe dos professores participando do planejamento e das decisões, comprometimento da equipe com a inovação e responsabilidade do professor pela avaliação de sua própria prática, além de formação permanente, relacionado com a necessidade da escola. Um currículo cuidadosamente planejado, deve incluir materiais que levem o aluno ao conhecimento e desenvolvimento de suas habilidades .

A partir dessas considerações, Coll (1999) demonstra que o professor necessita refletir sobre a sua atuação constantemente, refletindo também a função social do ensino e como se ensina e como se aprende.

Numa concepção construtivista da aprendizagem e do ensino parte-se do fato, de acordo com Coll (1999), que a escola torna acessíveis aos seus alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, incluindo as capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal. O caráter ativo da aprendizagem demonstra que é a aprendizagem fruto de uma construção pessoal, mas na qual não intervém apenas o sujeito que aprende, mas também os agentes culturais.

Assim, não se contrapõe construção individual à interação social. Constrói-se, porém, se ensina e se aprende a construir. Dessa forma, entende-se a educação as diversas práticas educativas das quais um mesmo indivíduo participa.

Numa concepção construtivista, aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal sobre um objeto ou conteúdo que pretendemos aprender. Aprender é assim, apropriar-se de uma informação a partir da construção desse conhecimento. Para isso precisamos nos aproximar do objeto de conhecimento com a finalidade de apreendê-lo.

Coll (1999) refere-se que nossos significados aproximam-se de um novo aspecto que só parecerá novo, mas que na verdade, podemos interpretar perfeitamente com os significados que já possuíamos, enquanto que algumas vezes, será um desafio, ao qual tentaremos responder modificando os significados que já possuíamos, para assim, dar conta do novo conteúdo. Esse processo é denominado aprendizagem significativa, com significado próprio e pessoal.

Dessa forma, aprender não é acumular novos conhecimentos, mas integrar, modificar, estabelecer relações entre esquemas de conhecimento que já possuíamos. Assim, a experiência pessoal e os conhecimentos de cada um determinam a interpretação que realizam.

Os conteúdos escolares já estão elaborados e fazem parte da cultura e do conhecimento, o que faz com que a construção do aluno seja uma construção única, pois constrói algo que já existe atribuindo significado pessoal .

Como descreve Coll (1999), a concepção construtivista assume seu papel de construção conjunta, compartilhada, na qual o aluno, graças a ajuda que recebe do professor, vai aos poucos tornando-se competente e autônomo na utilização dos conceitos, na prática de determinadas atitudes e na resolução das atividades solicitadas.

É uma ajuda porque é o aluno que realiza a construção; mas é imprescindível, porque essa ajuda, que varia em quantidade e qualidade, que é contínua e transitória e que se traduz em coisas muito diversas - do desafio à demonstração minuciosa, da demonstração de afeto à correção - que se ajustam às necessidades do aluno, é que permite explicar que este, partindo de suas possibilidades, possa progredir no sentido apontado pelas finalidades educativas, isto é, no sentido de progredir em sua capacidade. E isso acontece dessa forma, porque essa ajuda situa-se na zona de desenvolvimento proximal do aluno, entre o nível de desenvolvimento afetivo e o nível de desenvolvimento potencial, zona em que a ação educativa pode alcançar sua máxima incidência (COLL,1999, p.23).

De acordo com Castorina (2002), Vygotsky produz a hipótese da zona de desenvolvimento proximal, que evidencia o caráter orientador da aprendizagem com relação ao desenvolvimento cognitivo. Isto é a afirmação da distância entre o nível de desenvolvimento real do aluno tal e como pode ser determinado a partir da resolução independente de problemas e o nível potencial, determinado pela resolução de problemas sob a direção de um professor ou em colaboração de um colega mais capaz. Assim, a teoria de Vygotsky postula um sujeito social que não é apenas ativo, mas sobretudo interativo. A aquisição de qualquer habilidade infantil, envolve a instrução proveniente de um adulto, antes ou durante a prática escolar. A própria noção de aprendizagem significa processo ensino-aprendizagem, justamente para incluir quem aprende, quem ensina e a relação social entre eles, de modo coerente com a perspectiva sócio-histórica. Assim, o desenvolvimento do indivíduo está precedido pela aprendizagem.

Conforme Castorina (2002), para Piaget os progressos do sujeito devem-se às tomadas de consciência dos conflitos e a uma coordenação gradual de esquemas de conhecimento. Assim, aprender as organizações fundamentais do pensamento significa compreendê-las. Compreender não consiste simplesmente em incorporar

dados já feitos ou constituídos, mas em redescobri-los e reinventá-los por meio da atividade do sujeito. Essa constituição cognitiva foi verificada na situação de aprendizagem e isso traduziu-se em modificação do desenvolvimento, no sentido de uma aceleração da constituição de esquemas. Para explicar tal modificação, foram postulados os mecanismos de equilíbrio que regulam a formação espontânea dos conhecimentos. Isto é, a teoria da aprendizagem estabelece uma continuidade entre os mecanismos cognitivos responsáveis pelo desenvolvimento e pela aprendizagem.

Piaget postula a continuidade entre desenvolvimento e aprendizagem pensando nos mecanismos que dirigem a mudança do ponto de vista do sujeito. Isto é, seja qual for o modo pelo qual lhe são apresentados os problemas ou os objetos a serem conhecidos, entra em funcionamento um processo de reinvenção ou redescoberta, devido à sua atividade estruturadora.

Assim, na concepção construtivista o aluno aprende e se desenvolve na medida que construa significados adequados ao conteúdo trabalhado. Essa construção inclui a contribuição global do aluno, sua disponibilidade, seus conhecimentos prévios, na qual o professor age como guia e mediador entre a criança e a cultura, o qual depende em grande parte o aprendizado realizado, segundo Coll (1999).

O processo de aprender pressupõe uma mobilização cognitiva, desencadeada por uma necessidade de saber e vários aspectos do tipo afetivo-relacional, como destaca Coll (1999), pois quando aprendemos temos uma forma diferenciada de ver o mundo, de relacionar-se com ele e também com o outro.

Para a realização de uma aprendizagem significativa é necessário que haja uma manifestação desejante do aluno. Assim, dessa disposição, o aluno parte para estabelecer relações entre a nova informação e o que já sabe, compreendendo assim, o significado do que estuda, relacionado conceitos com a experiência do cotidiano.

Para que isso ocorra é necessário levar em consideração a forma de se abordar a atividade feita pelo professor e a própria situação de ensino. Assim, de acordo com Coll (1999) para sentir interesse, deve-se saber o que se pretende e também sentir que esse conhecimento preenche a necessidade, a falta. Sem dúvida, se o aluno não conhece o propósito de uma atividade e nem relaciona esse propósito à sua compreensão e necessidade, não terá interesse.

Os alunos, dessa forma, conquistam aos poucos autonomia, à medida que possam tomar decisões nas atividades propostas, envolvidos pela aprendizagem significativa. Assim, esforço, envolvimento pessoal, ajuda, incentivo e afeto podem ajudar e muito os alunos aprenderem e sentirem-se felizes por aprender.

É interessante destacar, de acordo com Coll (1999) que muitas vezes o aluno não está motivado com a aprendizagem e isso pode envolver os aspectos de caráter emocional, suas expectativas, seu autoconceito, não lhe fazendo sentindo uma atividade tão desafiadora como o aprender.

Podemos afirmar que quando aprendemos, aprendemos os conteúdos e também aprendemos que podemos aprender; quando não aprendemos os conteúdos, podemos aprender algo: que não somos capazes de aprender (COLL, 1999, p.39).

Assim, a meta do sujeito que está motivado é conquistar competência. Por isso, quando alguém pretende aprender e aprende de fato, conquista uma imagem positiva de si mesmo e sua auto-estima é reforçada, demonstrando assim a sua forma de relacionar-se com o mundo e de interagir com o outro.

As relações interpessoais, principalmente os vínculos mais significativos, constituem os elos pelos quais a pessoa vai tendo a visão de si mesma e no decorrer de suas interações, a pessoa elabora essa visão, a partir da interiorização das atitudes e percepções que esses outros têm a seu respeito, conforme Coll (1999).

De fato, as representações que os professores têm de seus alunos, o que pensam, esperam deles, as capacidades e intenções que lhe atribuem funcionam com um filtro para interpretar seus comportamentos e valorizá-los. As representações mútuas, professores e alunos, nos mostram a relação estabelecida entre as partes, que de forma nenhuma é neutra e influenciam na interação educativa.

E é assim, com essa imagem, que o aluno aproxima-se do aprender, de acordo com Coll (1999), e que vai exigir dele atenção, habilidade para selecionar informação, estabelecer relações, avaliar, havendo assim, disposição de realizar o processo que o levará à elaboração da aprendizagem.

Dessa forma, o professor precisa deixar claro para o seu aluno o que é para fazer, qual a finalidade desse ensinamento e estabelecer relações desse novo aprendizado, havendo então, assim, uma aprendizagem significativa.

Para atribuir sentido é necessário que o aluno perceba a atividade proposta de forma atraente, além de sentir que ela preenche sua necessidade de aprender, sendo essa necessidade o motor da ação.

Trata-se de que os alunos não apenas conheçam os propósitos que norteiam uma atividade, mas que tornem seus, que participem do planejamento dessa atividade, de sua realização e de seus resultados de forma ativa, o que não supõe unicamente que façam, que atuem, que realizem; também exige que compreendam o que estão fazendo, que se responsabilize por isso, que disponham de critérios para avaliar e modificar isso se for necessário (COLL, 1999, p.51).

Perceber que se pode aprender, atua como um requisito importante para atribuir sentido a uma atividade de aprendizagem. Dessa forma, o sentido que damos à aprendizagem é requisito fundamental para darmos significado a uma aprendizagem significativa.

Deve, portanto, haver uma intencionalidade, onde despertar o interesse e a motivação leva a incentivar a aprendizagem

Aos poucos o significado da aprendizagem, que representa a energia, vence a resistência do saber.

## CAPÍTULO II - A METACOGNIÇÃO E A APRENDIZAGEM

A metacognição deve ser vista como meio de aprendizagem, onde se pensa e se constrói conhecimento. É a capacidade principal de que depende essa aprendizagem. A metacognição diz respeito ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos.

Assim, como objeto de investigação e no domínio educacional, encontramos duas formas essenciais de entendimento de metacognição: tomada de consciência dos processos e das competências necessárias para realização de uma atividade e controle ou auto-regulação, que é a capacidade para avaliar a execução da atividade e fazer correções, se necessário.

De acordo com Baqués (2002), Flavell, nos anos 1970 e seus colaboradores começaram a desenvolver estudos relacionados com a metacognição e relataram que o conhecimento metacognitivo se desenvolve por meio da conscientização do sujeito sobre o aprender.

Assim, a metacognição se refere ao conhecimento que uma pessoa tem sobre seus próprios processos e produtos cognitivos. O aluno pratica a metacognição quando se dá conta, que tem mais dificuldade em aprender algo, quando compreende que deve verificar mais de uma vez ou quando toma nota para não se esquecer de algo. A metacognição faz referência a supervisão ativa e que conseqüentemente, regula e organiza esse processo, em relação aos dados cognitivos, que atuam a serviço de alguma meta.

Dessa forma, a medida em que o aluno aprende determinadas aprendizagens escolares, será capaz de dominar melhor certas atividades. Esse controle do aprender possibilitará a tomada de consciência das dificuldades encontradas na realização das tarefas e dos meios para superá-las, conforme Silva & Sá (1997).

Assim, um estudante é auto-regulado, quando é capaz de ser ativo e responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem. A auto-regulação envolve a metacognição, motivação, o motivo pelo qual o aluno se esforça para aprender, iniciativa e comportamento autônomo por parte do aluno, conforme Silva & Sá (1997).

Dessa forma, as estratégias de aprendizagem são importantes instrumentos de auto-regulação, pois contribuem para que o aluno aprenda a aprender, exercendo maior controle sobre o seu próprio processo de aprendizagem, de acordo com Silva & Sá (1997).

A aprendizagem eficaz depende da adoção de estratégias cognitivas e orientações motivacionais, que permitem ao indivíduo tomar consciência dos objetivos, dos processos e dos meios facilitadores de aprendizagem e tomar decisões apropriadas, sobre que estratégias utilizar em cada tarefa e como modificá-las, quando estas se revelarem pouco eficazes. Em síntese saber aprender contribui para uma aprendizagem bem sucedida (SILVA & SÁ, 1997, p. 17).

Organizar estratégias de aprendizagem são técnicas que levam o aluno a adquirir, armazenar e utilizar informação. Entre elas, destaca-se a estratégia de ensaio, que envolve a repetição, tanto pela fala como pela escrita do material a ser aprendido; a estratégia de elaboração quando o aluno realiza conexões entre o novo aprendido e o que já sabia, tomando nota, resumindo, criando analogias; a estratégia de organização que refere-se a organização de tópicos, criando redes de conceitos de forma hierárquica, para seu melhor entendimento; a estratégia de monitoramento da compreensão que implica no questionamento do aluno diante do novo conteúdo, se houve ou não entendimento, de tomar providência caso não tenha entendido, estabelecendo metas pessoais de progresso, de plano de ação; e a estratégia afetiva voltada à motivação, atenção e concentração.

Segundo Silva & Sá (1997), alunos com sucesso escolar têm auto-estima elevada e assumem maior responsabilidade por suas ações e utilizando várias estratégias cognitivas para selecionar, organizar e integrar a informação, valendo-se de estratégias metacognitivas para planejar e regular a aprendizagem

Estratégias de aprendizagem podem ser ensinadas aos alunos, mas requer um envolvimento ativo do aprendiz, na sua aprendizagem.

De acordo com Baqués (2005) há diversas maneiras de se descrever a metacognição, desde Flavell. O conhecimento metacognitivo se desenvolve a medida em que ocorre o desenvolvimento cognitivo, o qual vai possibilitar o aparecimento de novas operações cognitivas. Por um lado, estas operações são necessárias para a aquisição de conhecimentos metacognitivos e facilitam a

maturação de outros já existentes e, por outro, criam condições para novas experiências metacognitivas.

Metacognição é, basicamente, uma atitude capaz de conhecer-se, auto regular-se, no sentido de se dar regras ou normas, dar-se um plano de ação e segui-lo.

Devemos dar às crianças uma boa bagagem de conhecimentos e ajudá-las a administrá-los, a partir da metacognição.

Entre as habilidades metacognitivas, é necessário conhecer-se, propondo a si mesmo diferentes formas de pensar, estabelecer regras, normas e destacar a necessidade de um plano de ação.

Os estudantes metacognitivos são aqueles que identificam o que sabem, o que precisam saber e como devem agir para aprender o que lhes falta, propondo situações sistemáticas para avaliar suas próprias atividades, valorizando suas ações e suas estratégias pessoais, analisando, criticando seu próprio trabalho e revisando o que já fez.

Para Baqués (2005), o objetivo do trabalho com o pensamento metacognitivo é que ao ensinar a aprender a aprender, os professores também aprendem a aprender. Assim, os docentes devem se dar conta que podem auxiliar os alunos a desenvolver metacognição nas disciplinas, dentro do currículo e assim possam ter alunos metacognitivos, quer dizer, conhecedores de si mesmo como aprendizes.

## CAPÍTULO II - METACOGNIÇÃO: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

De acordo com Fernández (2001) o sujeito para aprender precisa ser aprendente e ensinante. Necessita, assim, conectar-se com o que já conhece e poder mostrar o seu saber.

Fazer-se um ser aprendente é estar vivo e aberto ao mundo, nele intervindo a vontade pela confiança exuberante de conhecer o que se oculta e aguarda revelação.

Fazer-se um ser aprendente é conhecer os limites e transgredi-los (FERNÁNDEZ, 2001, p.51 e 52).

Aprender supõe um sujeito ativo e autor que significa o mundo, significando-se.

De acordo com Fernández (2001), a psicopedagogia conta com a epistemologia genética que retrata um sujeito de conhecimento, sujeito epistêmico que constrói suas estruturas cognitivas e por meio da assimilação e acomodação, tende a adaptar-se ao meio.

De acordo com a epistemologia, o sujeito passa de um estado de menor conhecimento para um estado de maior conhecimento quando o sujeito interage com o meio social, aprendendo assim com o outro.

Fernández (2001) explica a relação que Piaget estabelece entre o uso dos termos assimilação e acomodação e o modo de descrever as relações do organismo com o meio e o tratamento que ele vai fazer deles pensando no operar da inteligência.

**Assimilação:** O organismo para poder incorporar a seu sistema os valores alimentares das substâncias que absorve, deve transformá-las. Por exemplo, um alimento duro e com uma forma clara, no começo de começar a ser ingerido, será transformado em macio e amorfo. Ao ocorrer o processo da digestão, a substância perderá sua identidade original até converter-se em parte da estrutura do organismo.

**Acomodação:** O organismo, ao mesmo tempo em que transforma as substâncias alimentícias, para incorporá-las, também transforma a si mesmo. Assim, a boca (ou o órgão correspondente, segundo a espécie) deverá abrir-se, o objeto deverá ser mastigado e os processos digestivos devem adaptar-se às propriedades químicas e físicas particulares do objeto. Em síntese, a acomodação é o movimento do processo de adaptação, pelo

qual o organismo altera-se, de acordo com as características do objeto a ser ingerido (FERNÁNDEZ, 2001, p.81 e p.82).

Pela assimilação o sujeito transforma a realidade para integrá-la a seus esquemas de ação e pela acomodação transforma e coordena seus próprios esquemas para adequar-se à realidade do objeto a conhecer, de acordo com Fernández (2001).

Conforme Fernández (2001), o sujeito da Psicopedagogia é um sujeito simultaneamente aprendente e ensinante e assim sendo, sujeito da autoria de seu pensamento. O mais importante que o sujeito autor produz é a sua própria transformação.

O objeto da psicopedagogia é o posicionamento ensinante e aprendente e a problemática entre o conhecer e o saber.

O sujeito da psicopedagogia é um sujeito simultaneamente aprendente e ensinante, portanto um sujeito autor, conforme Fernández (2001).

Quando o sujeito aprende, aprende por necessidade pessoal e não por imposição do psicopedagogo. Assim, a curiosidade e o desejo por conhecer, são do sujeito.

É essa curiosidade que impulsiona o desejo por conhecer, que faz esse sujeito aprendente. Conforme Fernández (1994), sem curiosidade, sem criatividade não há aprendizagem, sem investigação não há conhecimento.

O psicopedagogo como ensinante precisa conectar-se com sua posição aprendente e favorecer que o paciente possa conectar-se com sua posição ensinante.

O psicopedagogo tem função importante, pois permite ao sujeito conectar-se com o conhecimento, enquanto mostra também aprende. Também descobre que gosta de descobrir e de aprender sempre.

Superando o medo do desconhecido e valorizando a criatividade, o conhecimento torna-se desafiador. O sujeito percebe seus avanços e recuos, enfim, seu processo de desenvolvimento. Aprende assim, a tomar consciência dos processos que utiliza para aprender.

Por outro lado, o evitar pensar leva o sujeito a perder seu desejo de conhecer, e à medida que perde o ímpeto por aprender, arquiva a informação sem significá-la, conforme Fernández (2001).

Para que se construa a aprendizagem, requer-se uma correlação, que é sempre conhecimento do outro (porque requer informação do outro) e o saber pessoal, como máquina de significação. É uma ida e vinda entre o conhecimento e o saber, uma relativa correspondência entre o conhecimento e o saber (FERNÁNDEZ, 2001, p.139).

De acordo com Fernández (2001), se em vez de transmitir a informação de acordo com o saber inconsciente que o aprendente tem, o ensinante transmite outra informação ou o vazio do silêncio, ele poderá produzir rupturas na aprendizagem do aprendente.

Na clínica quando recebemos um paciente com queixa de problema de aprendizagem, ele traz um sintoma para cobrir a angústia do não aprender.

Quando o aprisionado é o pensar, sua inteligência fica presa. Assim, o sintoma problema de aprendizagem compromete o aprender e o pensar.

Como a inteligência constrói em si mesma e constrói-se no vínculo com o outro, a existência de um problema de aprendizagem pode deter ou alterar seu desenvolvimento, na medida que o pensar está aprisionado, destaca Fernández (2001).

O sintoma problema de aprendizagem tem uma característica particular, pois inclui a inteligência. Assim, a intervenção psicopedagógica deve resignificar fatores que construíram a inibição cognitiva.

Aprender supõe curiosidade, senso de humor e capacidade de perguntar. Se o sujeito pode perguntar-se, isto é indicador de aprendizagem saudável, e liberdade de pensar.

O que encontramos na patologia da aprendizagem é a pouca possibilidade de perguntar-se, sem espera de respostas, sem fruto de desejo de conhecer, pois ao perguntar-nos construímos conhecimento, pondo em jogos nossos saberes.

O olhar psicopedagógico busca ver como se constrói um sujeito aprendente em relação ao sujeito ensinante, na relação com um objeto de conhecimento, onde haja autoria de pensamento.

Pensar é diferenciar-se até mesmo daquilo antes pensado. Assim, pensar de forma diferente é ser autor do seu próprio pensamento.

Quando nasce, o bebê é um feixe de possibilidades, capazes de captar conhecimento que precisa ser transmitido pela família e reconhecido por ele. O homem como ser histórico, acumula conhecimentos a cada geração e vai se

tornando humano porque aprende. Assim, a espécie está garantida, preparando o sujeito para integrar-se à cultura.

A aprendizagem é um processo que permite a transmissão do conhecimento de um outro que sabe (um outro do conhecimento) a um sujeito que vai chegar a ser sujeito, exatamente por meio da aprendizagem, conforme Fernández (1991). O conhecimento é assim o conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas não aprendemos de qualquer um e sim aprendemos daquele que sentimos confiança. O aprendiz possui uma série de estruturas que lhe permite converter o ensinamento em conhecimento.

A aprendizagem nova vai integrar a aprendizagem anterior, como prazer. O corpo coordena e a coordenação resulta em prazer, prazer de domínio. O prazer que o sujeito sente quando aprende, quando se apropria de um conhecimento.

Dessa forma não há aprendizagem que não esteja registrada no corpo, no semblante que resulta em alegria, sem a qual não há verdadeira aprendizagem.

Portanto, o corpo ensina, pois, por meio dele, do gesto, do olhar, demonstram o interesse e a paixão que o conhecimento significa para o ensinante. Portanto, não há aprendizagem que não esteja registrada no corpo.

O corpo forma parte da maioria das aprendizagens, não só como ensinamentos, mas como instrumento de apropriação de conhecimento. O corpo ensina, pois por meio dele, demonstramos como fazer e através do olhar, do gesto da voz, canalizam-se o interesse e a paixão que o conhecimento significa para o outro, conforme Fernández (1991).

Para um psicopedagogo tendo como objeto de estudo o problema de aprendizagem deve-se observar o que acontece entre a inteligência e o desejo por aprender.

O conteúdo de um conhecimento provém de um ensino, mas a possibilidade de processar este conteúdo depende do sujeito, de sua estrutura cognitiva, de sua adequação de compreensão e de sua experiência. Se o sujeito não realiza ações com o objeto, não tem possibilidade de ver, tocar, irá encontrar dificuldades no processo de organização de sua inteligência. Dessa forma, inteligência e desejo estão muito ligados.

Enquanto a inteligência se propõe a apropriar-se do objeto conhecendo-o, generalizando-o, o desejo se propõe a apropriar-se do objeto, representando-o, de acordo com Fernández (1991).

No tratamento psicopedagógico, busca-se devolver ao sujeito o seu poder para que assim, acredite em suas próprias possibilidades.

No diagnóstico psicopedagógico observa-se com que recursos o paciente conta para aprender, o que significa o conhecimento e o aprender e como aprende ou não aprende, observando seu sintoma.

O sintoma é demonstrado pelo conflito. Se o sintoma consiste em não aprender, a criança renuncia ao aprender ou não aprende bem, atrapalhando conseqüentemente a sua estrutura cognitiva e a sua imagem corporal.

A aprendizagem é um processo onde o sujeito se apropria, intervindo o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo do aprendente e também do ensinante, mas o desejo é necessariamente o desejo do outro, conforme Fernández (1991).

Há de se destacar a distinção entre o conhecimento e o saber. O conhecimento é transmissível de forma indireta ou impessoal e pode ser adquirido por meio dos livros ou de máquinas. Por outro lado, o saber é transmissível só diretamente, de pessoa a pessoa, experiencialmente, não se pode aprender por meio de um livro ou de máquinas. O saber dá poder de uso, os conhecimentos não, considera Fernández (1991).

A formação do psicopedagogo requer transmissão de conhecimentos e teorias e também um espaço para a construção de um olhar e de uma escuta psicopedagógica a partir de uma análise de seu aprender.

A intervenção do psicopedagogo supõe um olhar interessado, de inclusão e uma escuta de aceitação, de permissão que busca em seu paciente as idéias inconscientes sobre o aprender, relacionando-as com o sintoma apresentado, num espaço de confiança que possibilite a articulação de sua demanda.

De acordo com Bossa (2007), o psicopedagogo para fazer seu diagnóstico deverá incluir, necessariamente, atividades livres, para que se possa observar se há autonomia e espontaneidade na forma como o paciente se organiza frente à realidade. Observar que utilização ele faz de suas experiências frente aos desafios, se aprender é algo vivo, interessante ou algo penoso e imposto.

Numa avaliação deve-se procurar sempre uma visão positiva do paciente, investigando suas melhores possibilidades e detectando em que contexto consegue melhorar seu conhecimento.

Em muitos momentos, o psicopedagogo terá possibilidades de observar como o sujeito utiliza ou não utiliza estratégias para aprender.

A capacidade de generalizar uma aprendizagem a novas situações requer estratégias e nem sempre o sujeito reconhece suas estratégias, necessitando da intervenção do psicopedagogo.

Assim, para poder estabelecer os vínculos entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios é preciso levar em consideração seu interesse e suas habilidades.

Para conseguir que o sujeito se interesse é necessário que saiba o que se pretende com aquela atividade, sinta que o que faz satisfaz alguma necessidade, alguma falta. Para isso é necessário que tenha a possibilidade de expressar sua própria idéia e a partir dela, revisar essas idéias, modificando-as, se for necessário.

Aprender significa elaborar uma representação pessoal do objeto da aprendizagem, integrando-o em seu esquema de conhecimento. Esta representação parte dos conhecimentos prévios do sujeito e lhe permite fazer conexões com novas aprendizagens. As relações são resultado de um processo ativo que possibilita a organização e o enriquecimento de sua própria aprendizagem.

Assim, para aprender é necessário que reflita sobre seu próprio erro, numa concepção construtivista, que passa assim, a ser um erro em busca de um acerto.

Refletindo sobre a sua dificuldade busca a compreensão e isso só é possível por meio de ações que ativam os processos mentais, permitindo assim, estabelecer relações necessárias na busca de um significado. É dessa forma que a atividade mental exige uma reflexão sobre o seu próprio processo de aprendizagem.

Para realizar esse processo mental o sujeito necessita de várias estratégias metacognitivas para assim, ter controle de seus próprios conhecimentos, conhecimentos esses, que vão sendo construídos.

É aí que o papel do psicopedagogo se destaca, pois necessita intervir para que o sujeito aprenda a dispor de estratégias para regular suas atuações, a partir do seu desempenho.

Por meio do conhecimento prévio que possui, aprende a questionar suas próprias idéias, estabelecer relações entre suas aprendizagens, revisar, enfim, ter um plano de ação para aprender.

Por meio de suas ações aprende a pensar, para que assim, seja autor de sua própria aprendizagem.

Orientando seu próprio pensamento, com o auxílio do psicopedagogo, mediante a formulação de hipóteses, consegue compreender seu próprio processo de aprendizagem.

Desenvolve assim, a capacidade de aprender, aprendendo a pensar, com a ajuda do psicopedagogo.

Ensinar a aprender é ensinar estratégias de aprendizagem, para que o sujeito adquira habilidades relacionadas com o aprender a aprender.

As estratégias de aprendizagem estão diretamente ligadas ao construtivismo e ao processo de metacognição, onde o sujeito mediado pelo psicopedagogo é levado a construir e reconstruir seu próprio conhecimento.

Essa reconstrução deve ser baseada numa prática reflexiva, sobre a ação, reflexão e ação de sujeito. Refletindo sobre sua aprendizagem desenvolverá seu próprio processo de metacognição, ou seja, aprender a aprender.

Há de se pensar, portanto, em promover situações que permita ao sujeito estabelecer o máximo de relações com o novo objeto de conhecimento, para que assim atribua maior significado e assegure o controle pessoal sobre os próprios conhecimentos e sobre o seu processo de aprendizagem.

Torna-se importante destacar que o ambiente e a relação aprendente ensinante seja de respeito mútuo e de sentimento de confiança promovendo assim a auto-estima.

Numa concepção construtivista o sujeito aprende a se avaliar conforme seu esforço e sua capacidade levando em conta o ponto de partida e o processo pelo qual adquiriu mais conhecimento e é incentivado a avaliar-se favorecendo suas estratégias de controle sobre seu processo.

Percebendo o real sentido no que está buscando para adquirir mais conhecimento, sente-se mais capaz e interessado.

Para aprender a aprender é indispensável que haja um clima de aceitação e confiança entre o aprendente ensinante. A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o conhecimento e o esforço por conhecer.

A interação pessoal entre psicopedagogo e paciente gera sentimentos de segurança, criando no sujeito uma percepção positiva de si mesmo.

O sujeito quando está consciente do ato de conhecer tem então, domínio de si próprio. Estar consciente significa então, que pode atuar sobre esse conhecimento, tendo domínio do que aprende. Dessa forma, o sujeito metacognitivo

identifica o que sabe, o que precisa saber e como deve agir para aprender o que ainda falta. É na verdade, uma tomada de consciência como aprendiz.

É possível ensinar o sujeito a monitorar sua aprendizagem, com algumas estratégias: sublinhando pontos importantes do conteúdo trabalhado, realizando inferências, traduzindo com suas palavras a informação recebida, resumindo a informação, utilizando adequadamente a informação recebida, fazendo relações sobre o que sabia e o que sabe agora com esse novo conhecimento, avaliando a informação recebida.

O sujeito irá se apropriando das estratégias e criando outras estratégias cognitivas que irão influenciar seu processo de aprendizagem de maneira que possa planejar e monitorar seu próprio pensamento.

Muitas vezes o sujeito cria estratégias superficiais de aprendizagem, e assim necessita da intervenção do psicopedagogo para aprender a desenvolver estratégias de aprendizagens cognitivas e metacognitivas, aprendendo assim, a aprender a aprender, de fato.

As estratégias de aprendizagem permitem a tomada de consciência do próprio processo de aprender, e o psicopedagogo irá ajudar o sujeito, como mediador dessa aprendizagem metacognitiva.

Observando-se como aprendiz, o psicopedagogo refletirá como aprende e assim, entenderá como aprende esse sujeito que se angustia por não saber aprender a aprender.

A função do conteúdo trabalhado é convocar outros, conforme Fernández (2001), tentar ao saber, despertar os conhecimentos adormecidos, encontrando, portanto, um vínculo entre eles.

O sujeito estabelece assim uma nova relação com o saber, resignificando sua aprendizagem, de forma saudável, pois torna-se um sujeito ativo e autor, considerando-se assim, sujeito pensante e reconhecido por isso.

De acordo com Fernández (2001), a inibição cognitiva é apenas uma das possibilidades de apresentação dos problemas de aprendizagem. A inibição cognitiva permanece inflexível para qualquer circunstância em que ocorra o pensar.

Uma inibição cognitiva pode desestruturar o sujeito, fazendo-o fracassar na escola, destruindo-lhe a possibilidade de pensar e assim aprender e muitas vezes essa situação fica mascarada pelo sistema educacional que valoriza a repetição de informação, de acordo com Fernández (2001).

Dessa forma, o sujeito evita a possibilidade de conhecer e assim aprender, e busca no psicopedagogo ajuda pelo aprisionamento de sua inteligência, conforme Fernández (2001), pois o pensar foi aprisionado e com ele, o aprender.

O problema de aprendizagem toma a inteligência, e assim o aprender e o pensar ficam comprometidos. A inteligência quando está presa necessita ser libertada, dando ao sujeito a possibilidade de aprender a aprender.

Num sujeito com problemas de aprendizagem o que está aprisionado são suas argumentações, as possibilidades de estabelecer relações, de aprender a aprender.

O sujeito com inibição cognitiva não pode pensar, como se estivesse incapaz desse ato. A partir da resignificação ao aprender a inibição cognitiva se desfaz, dando lugar ao desejo por aprender.

Ao aprender a aprender o sujeito sente-se movido pela curiosidade, pois precisa da informação e portanto, questiona e pergunta, que é característica de um bom aprendiz, pondo assim em jogo seus saberes.

O olhar psicopedagógico busca como se constrói um sujeito aprendiz na relação com o objeto de conhecimento, para assim desenvolver seu poder para aprender a aprender, acreditando assim nas reais potencialidades desse sujeito.

Aprendemos, de acordo com Fernández (2001) de quem recebe o caráter de ensinante. Aprendemos quando podemos confiar no outro e em quem nos escuta. Aprendemos quando o ensinante nos reconhece e nos vê como pensantes.

O objeto da psicopedagogia não é o conteúdo ensinado aprendido ou não aprendido, mas os posicionamentos ensinantes e aprendentes entre o conhecer e o saber. Aprender é ir do saber a apropriar-se de uma informação dada a partir da construção do conhecimento, processo no qual intervêm inteligência e desejo, de acordo com Fernández (2001).

Para ser ensinante é necessário abrir um espaço para aprender onde além de construir conhecimentos, construa-se como sujeito criativo e pensante, com desejo de aprender.

O ser humano para aprender necessita de seu organismo, de seu corpo, sua inteligência e do desejo, desejo que é sempre desejo do desejo do outro.

Conforme Fernández (2001), a aprendizagem é um processo onde há dois lugares: um onde está o sujeito que aprende e o outro onde colocamos o personagem que ensina. Um pólo onde está o portador do conhecimento e o outro

pólo que é o lugar onde alguém vai tornar-se um sujeito. Assim, não é sujeito antes da aprendizagem, mas vai chegar a ser sujeito porque aprende.

O conhecimento não pode ser transmitido diretamente em bloco, mas por meio do ensinamento. O conhecimento não é transmitido, mas sim sinais desse conhecimento, para que o sujeito possa transformá-lo e reproduzi-lo.

Com um olhar psicopedagógico detemos a observar, se o sujeito apropria-se dos mecanismos de sua própria ação, havendo portanto, tomada de consciência.

Tomar consciência dos processos e das competências necessárias, faz com que haja conscientização do sujeito sobre o aprender, havendo portanto, crescimento cognitivo.

Tomar consciência de como gerenciar nossa aprendizagem a partir de estratégias ou experiências metacognitivas faz com que não sirva apenas para refletir como realizar as atividades, mas também como fazer para adquirir novas informações, aprendendo a aprender.

Conforme Davis; Nunes e Nunes (2005), Flavell destaca que o fazer uso da metacognição, o sujeito torna-se um espectador de seu próprio modo de pensar e das estratégias que usa. Assim, a metacognição envolve também monitoramento ativo dos processos de pensamento, destacando dois componentes centrais nesse conceito: os conhecimentos metacognitivos e as experiências metacognitivas.

Os conhecimentos cognitivos dizem respeito ao produto cognitivo, ao conhecimento de que determinados conceitos, práticas e habilidades já são dominados, enquanto alguns, ainda não.

As experiências metacognitivas expressam os processos pelos quais o sujeito é capaz de exercer controle e auto-regulação durante uma atividade, permitindo a conscientização do sujeito.

A aprendizagem é assim, uma ação metacognitiva, pois é um processo consciente de aquisição de informação, transformando-a em conhecimento

O psicopedagogo reconhecendo a importância da metacognição para o aprender, necessita intervir para que o sujeito aprenda a se auto-regular e a monitorar sua aprendizagem.

De acordo com Silva & Sá (1997), a monitoração é o acompanhamento e avaliação do processo seguido pelo sujeito para aprender algo ou resolver um problema e com a ajuda do psicopedagogo será de fato um meio do sujeito

conseguir equilíbrio entre as estratégias adotadas, na busca para o sucesso na realização da atividade.

As experiências metacognitivas devem ser usadas pelo psicopedagogo, por meio de questionamentos, que levem à monitoração do sujeito, avaliando assim, a sua compreensão.

As experiências metacognitivas estimulam a aprendizagem. Aos poucos, o sujeito compreenderá o percurso das estratégias metacognitivas e o fará sem auxílio do psicopedagogo, garantindo assim a sua autonomia e aproximando-se de sua meta.

O conhecimento metacognitivo representa o conhecimento de mundo do sujeito, seu conhecimento prévio e as experiências metacognitivas ocorrem em situações na qual o sujeito precisa ter uma tomada de decisão frente a um problema, exigindo planejamento antecipado e avaliação posterior do próprio sujeito, o que também pode ser feito, inicialmente, com auxílio do psicopedagogo.

Silva & Sá (1997) apontam que a instrução em estratégias de aprendizagem abre novas perspectivas para uma potencialização da aprendizagem, permitindo ultrapassar dificuldades pessoais de forma a obter maior sucesso escolar.

O psicopedagogo propondo intervenções como mediador, fará com que o sujeito exerça maior controle e reflexão sobre o seu próprio processo de aprendizagem.

O papel que as experiências metacognitivas desempenham, revelam ser de grande importância no processo de aprendizagem do sujeito.

De acordo com Silva & Sá (1997) para uma boa aprendizagem é importante que o aprendiz tenha consciência dos seus processos mentais e do seu grau de compreensão, pois assim, será mais eficaz nas estratégias de aprendizagem, monitorando sua compreensão, sendo também capaz de expressar o que não entendeu.

A auto-avaliação precisa situar-se como uma análise do processo do sujeito, para refletir sobre o que aprendeu, o que ainda não conseguiu aprender o que pode fazer em seu plano de ação, para alcançar seus próprios objetivos.

As experiências metacognitivas são utilizadas pelo aprendiz para o conhecimento e escolha da estratégia mais adequada, diante de uma situação problema. Conhecendo mais profundamente as próprias estratégias de aprendizagem o próprio sujeito enriquecerá sua capacidade de aprender

O pensamento humano é construído por redes e associações. Um novo saber se conecta com um saber já existente, podendo ser atualizado, modificado ou excluído. Na abordagem construtivista o sujeito constrói o conhecimento e significados a partir de relações entre os diversos elementos, as quais viabilizam a sistematização de conceitos novos em novos significados ou reformulam um já existente.

Fica então evidenciado, que é por meio da metacognição que o sujeito constrói conhecimento, se auto-regula, adquire autonomia, construindo uma imagem positiva como aprendiz, motivado sempre pelo aprender e para aprender. Dessa forma, alcançará a independência intelectual, sendo também autor do seu saber.

O sujeito participando do seu próprio processo de aprendizagem, é consciente de seu desenvolvimento cognitivo e percebe a necessidade do esforço para continuar progredindo. Assim, o psicopedagogo deverá promover a auto-estima e a motivação necessária, para que o aprendiz tenha desejo de continuar aprendendo.

Do ponto de vista da inteligência, o erro tem também um valor construtivo, porque a partir da análise das próprias respostas equivocadas, pode-se chegar a respostas mais adequadas. Se o erro é sancionado não há possibilidade de análise do processo que levou a esse erro, conforme Fernández (1992).

A riqueza de pergunta relaciona-se com a possibilidade de perguntar-se, questionar-se. Assim, o erro é sempre construtivo quando parte do questionamento. Quando o sujeito pensante reflete, ele cria hipóteses e são elas que necessitam serem colocadas à prova. Mesmo que não sejam corretas, essas hipóteses são frutos da reflexão do sujeito, portanto se forem erradas será fruto de um erro construtivo.

Não há processo de conhecimento sem erro. O erro é pois parte construtiva de gênese e do desenvolvimento cognitivo. tentar impedir que o sujeito erre equivale a obstruir o processo de aprendizagem. É o mesmo que impedir que o sujeito construa os instrumentos indispensáveis ao pensar, de acordo com Becker (2001).

A pulsão de investigação leva o ser humano a perguntar, quando é criança.

Conforme Fernández (2001), a alegria da descoberta da autoria ocorre pelo fato do aprendiz aprender e não continuar necessitando do ensinante, sentindo-se capaz, independente intelectualmente.

A aprendizagem é um trabalho de reconstrução e apropriação de conhecimentos a partir da informação do outro. Essa construção de conhecimentos constrói o próprio sujeito como pensante e desejante e autor de seu conhecimento, de acordo com Fernández (2001).

Nas experiências de aprendizagem o sujeito vai construindo a autoria de pensamento e o reconhecimento de que é capaz de transformar a realidade e a si mesmo e é com esse olhar psicopedagógico, que deve-se buscar o reconhecimento do sujeito pensante e autônomo.

## CONCLUSÃO

Com esse trabalho, concluo a importância do psicopedagogo trabalhar com a metacognição, pois assim o sujeito constrói conhecimento, se auto regula, adquire autonomia, construindo assim uma auto imagem positiva como aprendente, motivado pelo aprender e para aprender e alcançando assim, sua independência cultural.

O papel do psicopedagogo como mediador será de muita importância para que assim. o sujeito aprenda a refletir sobre sua própria aprendizagem.

O sujeito participante de seu próprio processo de aprendizagem, é consciente de seu desenvolvimento cognitivo e percebe a necessidade de se esforçar sempre.

Assim, a metacognição faz com que o sujeito perceba o seu processo de aprender, por meio da tomada de consciência, que nada mais é do que o início da atividade metacognitiva.

Com a auto-regulação, o sujeito aprende a refletir constantemente sobre suas ações, exigindo sempre planejamento e avaliação do processo.

Faz assim, necessário na formação do psicopedagogo o reconhecimento de si mesmo como sujeito da sua aprendizagem, o comprometimento com o desejo e a construção de uma aprendizagem significativa no trabalho com o outro.

Dessa forma, a contribuição do psicopedagogo é a intervenção, no sentido de promover a auto-estima e a motivação necessária, para que o aprendente tenha desejo de continuar a aprender, tornando-se um sujeito pensante e autônomo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, N.A. **Avaliação Psicopedagógica da criança de sete a onze anos**, 15. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

BAQUÉS, M. **Desenvolvendo habilidades e competências metacognitivas**, Revista Idéia, 2005.

CASTORINA, J.A. et al. **Piaget-Vygotsky: Novas contribuições para o debate**, 6ed. São Paulo, Ática, 2002.

COLL, C. E. et al. **O construtivismo na sala de aula**, 6. ed., São Paulo, Ática, 1999.

DA SILVA, A.L. & SÁ, L. **Saber estudar e estudar para saber**, Coleção Ciências da Educação Porto, Portugal, Porto Editora, 1997

DAVIS, C.; NUNES, M. M.R; NUNES, C. A. A. **Metacognição e sucesso escolar: Articulando Teoria e Prática**. Cadernos de Pesquisa, v.5,n.125,p.205-230, mai/ago, 2005.

FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente: Análise de modalidades ensinantes com famílias, escolas e meio de comunicação**, Porto Alegre, Artmed, 2001.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada abordagem psicopedagógica clínica de crianças e sua família**, Porto Alegre, Artmed, 1991.

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**, Porto Alegre, Artmed, 1994.

FERNÁNDEZ, A. **O Saber em jogo**, Porto Alegre, Artmed, 2001.